

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE MÚSICA**

EDUARDO JESUS SILVA DE MELO ABREU

**AUTISMO, INCLUSÃO E MUSICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS: UM ESTUDO
INTRODUTÓRIO**

**MANAUS
2023**

EDUARDO JESUS SILVA DE MELO ABREU

**AUTISMO, INCLUSÃO E MUSICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS: UM ESTUDO
INTRODUTÓRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Escola Superior de
Artes e Turismo da UEA como pré-
requisito para a conclusão do curso de
Bacharelado em Música – Violino.
Orientação: Profa. MM. Bárbara Bianca
Carvalho Soares

**MANAUS
2023**

TERMO DE APROVAÇÃO

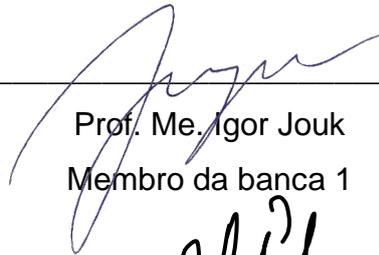
EDUARDO JESUS SILVA DE MELO ABREU

AUTISMO, INCLUSÃO E MUSICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel pelo curso de Música, da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:



Profa. MM. Bárbara Bianca Carvalho Soares
Orientadora (UEA)



Prof. Me. Igor Jouk
Membro da banca 1



Profa. Dra. Miroslava Trykova Krastanova
Membro da banca 2

Manaus, 17 de março de 2023

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus pais Frank e Franci Abreu, à eterna professora **Margarita Chtereva** e minha orientadora Prof. M.M Barbara Bianca Carvalho Soares a quem tenho muito apreço e gratidão.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas bênçãos concedidas em minha vida e por me guardar e sustentar durante a minha graduação.

À minha família pela participação, compreensão, afeto, respeito, apoio e cuidado.

À minha querida orientadora, a quem admiro como profissional, pela paciência, ensinamentos e apoio nessa jornada.

À professora Débora Cristina de Abreu Batista Wiebe pelos incentivos, ajuda e indicações.

À professora e musicoterapeuta Vânia Moura pela ajuda nas pesquisas e esclarecimento de ideias.

À Benício Helber Pinheiro de Barros e Núbia Ferreira de Barros pelos conselhos, observações, dicas e encorajamento.

A todos os professores da UEA que me ajudaram de alguma forma por meio do companheirismo, ensinamentos e incentivo nos estudos.

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar, por meio de pesquisa bibliográfica exploratória de caráter qualitativo, definições e introduções referentes à inclusão da criança autista nas aulas de musicalização na escola regular. Entendendo que a educação, assim como o trabalho do docente, está em constante atualização, este trabalho de conclusão de curso visa instigar o leitor às primeiras perspectivas para o contínuo aprimoramento de suas habilidades com a neuroatipicidade, tal como ocorreu com este autor.

Palavras-chave: Musicalização e autismo; Inclusão escolar; Música e Inclusão

ABSTRACT

This article aims to present, through a qualitative exploratory bibliographic research, definitions and introductions regarding the inclusion of autistic children in music classes in regular school. Understanding that education, as well as the teacher's work, is constantly being updated, this end-of-course work aims to instigate the reader to the first perspectives for the continuous improvement of his/her abilities with neuro-atypicality, as it happened with this author.

Keywords: Musicalization and autism; School inclusion; Music and inclusion

Introdução

Não existe família é forte o suficiente que receber o diagnóstico de que seu filho é autista e terá dificuldades no decorrer da sua vida. Dessa forma, BRITES e BRITES (2019, p. 93), afirmam que “os pais ou cuidadores podem chorar e mostrar seu desalento por causa da notícia. Sinceramente, é lógico que ter um filho com dificuldades mentais não é desejo e nem vontade de ninguém.

O TEA (transtorno do espectro autista) é caracterizado por prejuízos de desenvolvimento desde os primeiros anos de vida nas áreas de interação social, comunicação e comportamento, havendo muito o que se aprender e entender sobre o autismo.

Quanto aos primeiros passos dos estudos sobre o autismo, sabemos que a expressão “autismo” foi utilizada pela primeira vez por um psiquiatra suíço chamado BLEULER em (1911), para designar a perda do contato com a realidade, o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação dessas crianças. Porém, KANNER, em (1943), usou a mesma expressão para descrever onze crianças que tinham em comum comportamento bastante original, afirmou que se tratava de uma inabilidade inata para estabelecer contato afetivo e interpessoal e que era uma síndrome bastante rara, mas, provavelmente, mais frequente do que o esperado, pelo pequeno número de casos diagnosticados, entretanto muito se avançou desde aquela época.

De outro lado, em sala de aula, professores de musicalização recém-formados podem se ver em situações desafiadoras, uma vez que se deparam com uma criança não-diagnosticada, mas que apresenta todos os sintomas sociais e comportamentais do TEA por exemplo, ou mesmo chegará em um aluno com o qual não consegue se comunicar e perceber aprimoramento musical, ou dará de encontro com um aluno sem sintoma aparente, mas com o diagnóstico entre os documentos. Uma solução consciente para vencer tais desafios ocorre através do conhecimento e da pesquisa, desta forma evitamos equívocos e outras teorizações fundadas em subjetivismos.

A figura do professor de musicalização, o responsável pelos alunos e a pela turma, tem o dever primeiro de aplicar meios de inclusão e atividades que

visam o desenvolvimento de todos. Mas e quando há um aluno autista na sala? Quando nos preparamos para esta situação? Há um manual explicando o que funciona ou não? O que pode e o que não pode ser feito? Não raramente o autista é isolado e o professor fica sem saber o que fazer. Esta pesquisa inicial procura ajudar professores a entender melhor o mundo do qual estão fazendo parte.

A primeira sessão deste artigo possui o foco em definir autismo a partir das visões de GAIATO e TEIXEIRA (2018), BRITES e BRITES (2019) e BRAGA (2018), enquanto a segunda sessão tem o objetivo de relacionar os processos escolares e a inclusão de crianças autistas. A terceira sessão reflete sobre as capacidades da musicalização para este público.

O objetivo deste artigo é apresentar, por meio de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, referências para as definições de hoje sobre o Transtorno do Espectro Autista, inclusão escolar, e a musicalização da criança autista e o objetivo específico é compreender as definições e os principais aspectos do autismo infantil pertinentes ao professor de musicalização.

Entendendo o transtorno do espectro autista

O Transtorno do Espectro Autista – TEA é uma enumeração de distúrbios na desenvoltura neurológica de forma a potencialmente afetar as habilidades sociais. Para compreender como se considera o autismo no meio acadêmico, recorreremos às palavras de autores expressivos que se dedicaram a este estudo.

O autismo é uma condição caracterizada por déficit na comunicação social, como registram GAIATO e TEIXEIRA (2018). Referente ao autismo, BRITES e BRITES (2019, p. 37) asseguraram que o autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta de maneira decisiva e predominante a capacidade de percepção social, sendo esta uma propriedade do cérebro responsável por permitir que consigamos reconhecer, elaborar, antecipar, processar e responder de maneira adequada e harmoniosa a um contexto ou um contato social (BRITES e BRITES, 2019, p.37).

Segundo BRAGA (2018), pessoas autistas são caracterizadas pela dificuldade de interação social, déficit quantitativo e qualitativo de comunicação,

e padrões de comportamentos, atividades e interesses restritos, elementos marcantes no transtorno.

Transtorno do Espectro do Autismo – TEA, hoje classificado pelo DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – 5. Edição*) como um Transtorno do neurodesenvolvimento (APA, 2014), é considerado pela neurociência como transtorno neurobiológico, de funcionamento cerebral, em que áreas cerebrais específicas funcionam de forma diferente daquela esperada para cada região que compõe o chamado “cérebro social”, evidenciando respostas inadequadas perante as demandas sociais (BRAGA, 2018, p.19).

Com isso, de acordo com BRAGA (2018), o indivíduo com TEA pode apresentar estereotípias e comportamentos repetitivos no que se refere a esquemas e sistemas de organização ou autorregulação. No TEA, as crianças também podem apresentar outras alterações na conduta como hiperatividade, depressão e ansiedade.

Demorou um tempo para que se chegasse nesse estágio de compreensão, visto que, por anos, o autismo foi considerado como esquizofrenia, devido à falta de informações acerca de suas características. BRITES e BRITES (2019, p.27) destacam que “[...] naquela época, os problemas de comportamento humano ainda causavam espanto e estranheza, e eram encarados como anomalias pela sociedade, e seus portadores isolados das demais pessoas”.

Segundo BRAGA (2018) no processo de formação social da pessoa com TEA, individualmente, ela enfrentará vários ciclos e estágios, e, ao perceber que o filho se encaixa no espectro, é comum que os pais discordem do diagnóstico e entrem em fase de chateação e luto.

Os resultados dos diagnósticos que se apresentam mais incômodos são completamente ignorados, abrindo espaço para a aceitação dos mais amenos. Com essas atitudes, buscam a negação de uma realidade que se mostra assustadora e de difícil condução, e dessa forma se recolhem no seu luto pela morte do filho idealizado, do filho planejado, revoltam-se com o mundo, fecham-se em sua própria dor, negando-se muitas vezes ao contato com outras pessoas (BRAGA, 2018, p.15).

Desta maneira, é notório observar o quão difícil é compreender e lidar com o diagnóstico de autismo inicialmente, principalmente em se tratando dos familiares próximos. Seguindo neste panorama, Braga ressalta que: “a fase de negação pode se prolongar por dias, meses ou anos, mas precisa ser vencida, em benefício da própria criança” (BRAGA, 2018, p. 16). “Aprender a identificar cedo o autismo e a trabalhar corretamente com a criança é a principal estratégia para promover os avanços almejados”, destacam BRITES e BRITES (2019, p.22).

Com isso, compreendemos que TEA é uma conjuntura que tem início precoce e cujas dificuldades e desafios tendem a retardar o desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida, ocorrendo ainda diversas instabilidades na intensidade e forma de expressão dos seus indícios. Mas, ainda assim, é melhor ter um diagnóstico e buscar ajuda do que esperar que as coisas sigam seu curso sozinhas. (ZANON, BACKES, BOSA, 2014, p.25)

“Cada criança tem seu tempo” é a frase que mais prejudica as crianças: uma vez compreendendo que há marcos de desenvolvimento infantil que toda criança deve passar, e que se a criança tem um atraso, caso seja protelado o diagnóstico, a família perde uma fase boa para as terapias. A infância, principalmente a primeira infância, é o lugar em que mais se tem flexibilidade para aprender.

Nos dias atuais, o TEA é assimilado como uma síndrome comportamental de complexa solução e que possui causas múltiplas, por ser um distúrbio com diferentes níveis de comprometimento de desenvolvimento ocasionando à criança uma dificuldade em seu processo de sociabilização, comunicação verbal e interação social. Segundo GAIATO e TEIXEIRA (2018, p.17), estima-se que 1% a 2% de crianças e adolescentes do mundo são autistas. Os sintomas tornam-se bastante aparentes em torno dos dois ou três anos de vida, embora desde os primeiros meses, olhos atentos podem identificá-los, e, geralmente, o TEA é mais comum em meninos que em meninas.

Os indicativos do transtorno são evidentes na fase da criança, em que os sinais se manifestam nos anos iniciais de vida, originando-se de causas ainda desconhecidas, com possíveis colaborações de fatores genéticos. Dessa forma, é fundamental que a família esteja avisada dos sintomas que serão

apresentados pela criança, visto que se faz necessária a compreensão de que a criança não estará apresentando comportamentos típicos. Em casos de autismo, por exemplo, uma das primeiras características que logo percebemos na criança é o desapego nas relações sociais, na comunicação e nas relações afetivas, além da falta de reciprocidade emocional, sendo este comportamento o que mais mexe com o sentimento dos familiares que, em geral, buscam por abraços e beijos diários e espontâneos.

E quando falamos de comunicação não-verbal? Um comportamento típico de uma criança autista que deseja um objeto é o ato de pegar a mão do seu responsável para mostrá-lo e pegá-lo por ele. Podem utilizar expressões gestuais com menor frequência, como apontar ou executar gestos de pedido, pois aparentemente, não possuem nenhum significado simbólico para a criança. Como consequência disso, uma das maneiras mais comuns para identificar casos de autismo é verificar se a criança aponta para algum objeto ou lugar. A criança tem dificuldade para responder a sinais visuais e, normalmente, não se expressa mimicamente, mesmo quando é estimulada (COIMBRA, 2016, p.11).

Lembrando que há uma pessoa responsável pelo diagnóstico, e esta pessoa não é o professor de música. Segundo TEIXEIRA e GAIATO (2018), para o diagnóstico é necessária uma avaliação multiprofissional através de avaliação comportamental, normalmente procedidas por psiquiatras especializados em infância e adolescência, neurologistas ou neuropediatria.

O diagnóstico do autismo é clínico, depende de uma minuciosa avaliação comportamental da criança e da entrevista com os pais. Caso a criança já esteja inserida em um programa educacional, a avaliação pedagógica escolar também é muito importante (GAIATO e TEIXEIRA, 2018, p.35).

TEIXEIRA e GAIATO (2018), salientam:

Basicamente, durante a avaliação comportamental o médico e sua equipe fazem um rastreamento do desenvolvimento da criança, buscando identificar se ela está aprendendo as habilidades básicas referentes à fala, linguagem corporal, comportamento social, cognição e empatia. Um atraso em qualquer dessas áreas pode ser sinal de um problema de desenvolvimento (GAIATO e TEIXEIRA, 2018, p.35).

Inclusão da criança TEA nas escolas

Quanto às questões de desconhecimento e até mesmo de preconceito a vencer no contexto escolar, abre-se uma questão relevante e recorrente dos profissionais da educação: como fazer com que as crianças autistas se sintam abraçadas, adaptadas e incluídas no contexto escolar? Do que elas precisam? Precisamos de investigação, de esclarecimento e de pesquisas visando adquirir o entendimento sobre a situação da criança TEA no ambiente escolar.

Autistas possuem diferentes níveis de necessidade de suporte, e, por isso, nem todas as escolas estão preparadas para a inclusão, depende muito da gestão, das condições da escola, de seus docentes e auxiliares. Alguns autistas demonstram performance pedagógica excelente em escolas comuns, apesar de suas barreiras na socialização, enquanto outras necessitam de reforço para explorarem melhor seu potencial.

Atualmente, os docentes que se interessavam pela Educação Especial se direcionavam para a formação pós-graduação, mas na realidade, a necessidade do conhecimento sobre inclusão chega às escolas muitos antes da especialização do docente e a solução tomada às pressas tem sido a capacitação do profissional no ato do serviço, isto é, na prática.

Para LOBO (1997), o crescimento da rede pública do ensino regular, além de ter sido insuficiente para absorver toda a população infantil, acelerou o processo de seleção das crianças, pois o objetivo não foi incluir os inadaptados em outros espaços, mas a exclusão definitiva dos mesmos do espaço escolar.

A escola tem o dever de (1) ter ciência das características das crianças e dispor de condições estruturais e curriculares, providenciar treinamento aos docentes encarregados das turmas que contém alunos autistas, para que saibam como agir em sala de aula, (2) buscar profissionais do campo da psicologia para ajudar e atender todas as crianças e suas dificuldades, (3) organizar e providenciar programas para atender a diferentes perfis, visto que os autistas podem possuir diferentes talentos e capacidades, (4) contratar professores sensíveis que adaptem e revolucionem os modelos de avaliação da aprendizagem, para que sejam mais humanizados e familiarizados para com o autismo, ou seja, professores capazes de criar modelos e formas de facilitação no processo de aprendizagem do indivíduo. A escola deverá organizar o suporte

para garantir a aprendizagem dos alunos inclusos e promover também à prática de atividades físicas visando um desenvolvimento motor. Dessa forma, é relevante um olhar atento e curioso do professor recém-formado, de forma a desenvolver rapidamente sensibilidade às necessidades das crianças com TEA.

A tecnologia pode ser de grande suporte ao professor, por meio do uso de computadores e tablets, assim como aplicativos desenvolvidos para esta comunidade como ferramenta de ensino-aprendizagem. É então recomendado, dar financiamento e amparo às escolas a fim de incentivar o uso da tecnologia como item de inclusão do aluno com diagnóstico e de melhorar o aprendizado dos mesmos.

Como afirma MORAN (2000, p. 11), “tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?” Estas questões podem nos remeter, na ausência de aprofundamento, à ideia de que o acesso e à existência de recursos tecnológicos que dinamizem o contexto ensino-aprendizagem em sala de aula, seja o fator que nos falte como solução para as possíveis falhas educacionais que não estão nos trazendo resultados satisfatórios. Seguindo sua argumentação MORAN (2010, p. 12) nos coloca ainda:

Sem dúvidas as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados à distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento. (MORAN, 2010, p. 12).

A Musicalização para crianças autistas

O significativo crescimento do número de crianças diagnosticadas com TEA frequentando o ensino regular tem incentivado o professor recém-formado

à possibilidade de ajuda-las a enfrentar seus desafios de desenvolvimento, através da música. Esta atitude exige muita criatividade e proatividade, e seus resultados virão eventualmente, com o conhecimento e a aquisição de experiência.

É estando próximo da criança portadora do transtorno do espectro autista que se obtém uma melhor compreensão de como se comportam, evoluem e desenvolvem linguagem e fala. Isto é, só se aprende a lidar com eles, trabalhando com eles, é possível notar como pessoas com autismo são privadas de muitas experiências sociais pela prática da exclusão, devido ao estranhamento ou preconceito das demais pessoas.

A linguagem lúdica, assim como a música, é uma ferramenta de aprendizagem que auxilia a criança a se comunicar, socializar e a vivenciar situações que auxiliem no seu processo de aprendizagem.

Para exemplificar quão lúdica a música é, usou-se a pesquisa de SILVA e SILVA (2018) que mostra que os benefícios da musicalização estão em consonância com as respostas das professoras. De acordo com eles, doze educandos com TEA de uma Escola Especial foram estigados por meio da música, e, ao final do experimento, foram observados como resultado: desenvolvimento da autoestima das crianças, entusiasmo para com a interação social e uma ampliação do seu psicomotor. Através de observações, a prática da musicalização em sala de aula retém atenção no aluno de autista, com frequência se observa o aluno interessado pela música pois ela tem o poder de conquistar, e a interação, integração e socialização desse aluno acabam sendo conquistadas, cabendo ao professor saber valer-se deste importante recurso que é a música para explorar a interação com esse aluno em turma (CREPALDI e BAUMER, 2019).

Segundo FARIA (2001, p. 4), “A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência”. A música é capaz de encantar e estimular alunos autistas, transformando esses momentos em únicos e que geram satisfação e tudo aquilo que foi ministrado em aula se torna fator importante para estímulos de seu desenvolvimento pessoal.

A aula de musicalização para autistas precisa ser bem pensada, organizada com a criação de atividades diversificadas com metas a cumprir bem esclarecidas, com exercícios lúdicos tendo como objetivos: socializar a criança, desenvolver sua psicomotricidade e sua linguagem. A música é um fenômeno humano que está presente em todas as culturas conhecidas e tem sido utilizada para diversos fins, desde entretenimento e o favorecimento de experiências estéticas a acalmar crianças agitadas, eliciar emoções, favorecer a coesão social, expressar consciência social e crenças religiosas, dentre várias outras funções (GFELLER, 2008; KOELSCH, 2014).

É possível também, usar a música em contextos e rotinas, facilitando a aprovação da criança nas atividades, haja vista que a música funciona como uma forma de antecipação às atividades, preparando a criança para que nela seja desenvolvido o foco no que está fazendo. Não deixando de fora a capacidade que a música possui como ferramenta de auxílio na interação social das crianças, cabendo exclusivamente ao docente observar e conseguir identificar o que mais a criança gostou e se agradou, para que, dessa forma, o professor compreenda quais atividades podem ser ferramentas de estímulo para as mesmas.

De acordo com as pesquisas apontadas, a cada passo que se dá em busca de uma melhora no desenvolvimento do aluno autista, por menor que seja, é motivo de orgulho para o professor que deseja a evolução desse aluno. Mesmo sabendo que a caminhada é longa e trabalhosa, cada evolução conquistada de forma significativa para a vida do aluno, faz toda a caminhada valer a pena.

É relevante citar a musicoterapia também no processo de desenvolvimento, obviamente a proposta deste trabalho não é falar sobre isso, entretanto é necessário evidenciar a diferença entre musicalização e musicoterapia. A musicalização tem como objetivo principal desenvolver, em questões pedagógicas é claro, a sensibilidade das crianças, seja ela autista ou não, desenvolver também a criatividade, senso rítmico, sentimentos de apreço pela música, imaginação, atenção, respeito e foco.

Enquanto que a musicoterapia promove auxílio no crescimento e desenvolvimento da criança autista; auxiliando para que ele possa olhar o mundo à sua forma, dando-lhe a oportunidade de se expressar e socializar; abrindo

novas possibilidades e caminhos para a aquisição de habilidades. Esta terapia pode ser definida como uma forma de intervenção, que trabalha na promoção da saúde por meio de experiências musicais; melhorando a comunicação, expressão, organização, aprendizagem e mobilização. (ALMEIDA, 2020. p.1)

Portanto, compreendemos que a musicoterapia vem com objetivo de dar suporte e auxílio terapêutico para autista, enquanto que a musicalização vem apenas para fins pedagógicos visando o desenvolvimento social e educacional da criança com autismo

Conclusão

O autismo na infância é um desafio de inúmeras complexidades, demandando métodos e abordagens multidisciplinares, enfatizando questões educacionais e interações sociais assim como as questões médicas e a determinação em apresentar quadros clínicos bem estabelecidos, suscetíveis de resultados futuros e avanços nos estudos sobre este transtorno.

Apenas a partir de visões embasadas em pesquisas científicas, muito estudo e vontade é que poderemos contribuir para a questão aqui apresentada, ao passo que nossas reflexões devem buscar uma compreensão maior e eficaz para que toda a comunidade seja atingida, um passo de cada vez.

A criança com autismo pode demonstrar suas capacidades de inúmeras formas e apresentarem resultados grandiosos, tal como qualquer ser-humano, mas claro, dentro dos seus limites, sem precisar comparar-se com demais pessoas. Entretanto, isso não é indicador de que não haverá incitações e dificuldades.

Compreendemos que é com a aceitação e o envolvimento da família que haverá resultados positivos para a evolução musical dos neuroatípicos, para além do desenvolvimento da sua comunicação verbal, inclusão social, aprendizagem e outras habilidades, tudo isso dependerá fortemente da condução da família e segurança nas terapias.

Apesar da condição que ele possui, apresentando maiores dificuldades na execução de comandos na musicalização, por exemplo, ainda assim o professor ou a figura que está à frente do fazer musical com ele, pode ajudar e

encorajar e isto não é um trabalho difícil, é como se sempre tivesse sido esse o papel do professor: de crer no potencial do aluno.

A criança com autismo, independentemente do nível de suporte necessário, tem plenas capacidades e pode desenvolver parâmetros musicais e praticar sua cidadania através da música, atingindo assim um conhecimento, uma vivência, e isto faz parte da inclusão, e nós adultos e professores em formação, somos plenamente capazes de nos sensibilizar as necessidades deles, aproveitar sua companhia, analisar suas necessidades e atingi-los de maneira significativamente positiva. E é assim que o trabalho na aula de musicalização também funciona: como espaço aberto a todos.

Tendo em vista as observações apontadas aqui nesta pesquisa, podemos perceber que ainda há educadores, e entes familiares que não compreendem a mente e os comportamentos de um autista, e isto não está errado, apenas mostra que ainda precisamos percorrer um longo caminho pela informação e novas práticas. Há lacunas existentes entre as pesquisas dos transtornos da mente e a formação acadêmica do professor de música, e é neste sentido que este artigo procurou contribuir.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, André Luiz Barbosa. **Os benefícios da musicoterapia no Transtorno do Espectro Autista.** Monografia de pós-graduação em Musicoterapia. Universidade de Teresina. Piauí 2020.

BRAGA, Wilson Cândido. **Azul e de todas as cores:** Guia básico para pais e profissionais. São Paulo: Paulinas, 2018. (livro)

BRITES, Clair; BRITES, Luciana. **Mentes únicas.** São Paulo: Editora Gente, 2019.

CREPALDI, Janaina; BAUMER, Édina Regina. Inclusão do Autista da Educação Infantil. Saberes Pedagógicos **Revista do Curso de Graduação de Pedagogia Unesc, Criciúma**, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.

COIMBRA, Selma Oliveira da Silva. **A inclusão da criança autista na educação infantil.** Monografia de graduação em psicopedagogia. Universidade Candido Mendes. Niterói- Rio de Janeiro 2016.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis.** São Paulo: nVersos, 2018.

GFELLER, K. (2008). “**Music: a Human Phenomenon and Therapeutic Tool**”. 3 Ed. Silver Spring: American Music Therapy Association, 2008.

KANNER, Leo. **Distúrbios autistas de contato afetivo.** in: Rocha, P.S. Autismos. Editora Escuta: São Paulo, 1997.

LOBO, L.F. **Os Infames da História: A Instituição das deficiências no Brasil.** Rio de Janeiro, 1997. Número de páginas [464f]. Tese de doutorado em Psicologia. PUC-Rio, A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1997.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Papirus Educação).

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 6. ed. Campinas: Papirus, 2000

SILVA, Cátia Regina Suzano; SILVA, Jorge César. **Música e autismo - um encontro perfeito: Musicalização e Expressão corporal em uma Escola de Educação Especial.** Arte Revista, São Paulo, n.8, Ed. 2018.

ZANON, Regina; BACKES, Bárbara; BOSA, Alves Clenice. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa** da Universidade o Rio Grande do Sul. 2014